

## A MORTE NÃO INSTITUCIONAL

Maria Helena Pereira Franco<sup>i</sup>

### A morte sem dono ou o morto sem dono

Este poderia ser também o título deste artigo, pois quando falo na morte não institucional falo nisso, na morte que não tem dono, no morto sobre o qual ninguém se sente responsável, sobre o qual ninguém tem o que responder.

Quando pensamos no tema da morte, muitas são as possibilidades de olhar, mas talvez fique mais fácil considerar que se trata de um fenômeno que só atinge as outras pessoas. Há a morte anônima, a morte para a qual posso virar as costas, virar a página do jornal, mudar o canal da televisão. Afinal, são todas iguais!!! Posso pensar assim, para me negar ao que me aproxima daquela realidade: somos iguais nessa condição básica humana, que é a mortalidade. Esta é a postura que corresponde à condição pós-moderna do individualismo.

- De quem é o morto, afinal?

Quem morre em um hospital torna-se uma questão a ser resolvida pelo hospital. O mesmo se diz de quem morre em uma delegacia, em uma escola, em uma empresa, seja ela uma indústria química, um banco, uma empresa aérea. A instituição tem mecanismos, nem sempre adequados - convém destacar - para lidar com aquela morte e lhe conferir contornos, símbolos. O que dizer do morto que não pertence a uma instituição? Falo do anônimo que morre na rua, que é mais uma vítima da violência urbana, do seqüestrado e seu

seqüestrador, do traficante que é morto em uma briga de gangues, todos esses mortos que lembram a falência da sociedade em dar conta de suas feridas e fracassos. Falo da necessidade que temos de filtrar essa realidade para que ela nos seja suportável e, ainda assim, para que possamos encontrar meios para tirar de nós qualquer culpa social que venha nos perturbar o sono. Talvez a solução esteja nos rituais culturalmente significados que têm a possibilidade de buscar e atribuir significado para aquela morte anônima, sem dono. Os rituais reúnem essas características: são previsíveis, plenos de significado, reúnem pessoas pela sua perplexidade e também pela solidariedade, a tradição oral que os perpetua serve de elo entre aqueles que não teriam o que os unisse, entre outras características. Assim sendo, nas culturas organizadas para que os rituais sejam realizados, o morto é de todos, o morto são todos e todos se redimem em sua condição de mortais.

- Por quem os sinos dobram?

Sabemos como termina o poema: *‘... eles dobram por ti’*. Por todos nós que ficamos mais pobres, mais descrentes, mais alienados cada vez que pensamos que aquele que morre em uma condição marginal não tem nada a ver comigo. É interessante observar com que frequência nos vemos utilizando pensamento mágico do padrão mais simples para obter essa proteção psicológica: se eu fico à parte, se eu ignoro, então estou salvo, protegido: essas coisas só acontecem a quem procura, a quem é marginal, a quem está fora do sistema, ao excluído. Ocorre que o dia-a-dia está aí para contestar esta crença. O *‘pacato cidadão’*

também pode ser um morto sem dono, um morto sem rituais que lhe confirmam identidade nessa nova condição.

- Não é comigo...

A consequência é essa postura alienada, como se, por ser cidadão, eu tivesse apenas a responsabilidade por mim e por aqueles que dependem de mim ou me são caros. O outro, o desconhecido, aquele que vive em um mundo do qual ouço falar e ao qual viro as costas não me diz respeito. Nem pela vida, nem pela morte. Alceu Valença diz: 'Vivemos sós e sós seremos no fim.'. É disso que falo aqui.

- 'Antes ele do que eu':

Na sociedade individualista pós-moderna encontra-se justificativa para uma postura deste tipo. Os valores predominantes indicam que o objetivo é o sucesso, enquanto que morrer anonimamente é sinônimo de fracasso. Contam-se as manifestações de apreço ou de sucesso como se fossem do mesmo tipo.

- 'Morreu na contra-mão atrapalhando o tráfego':

Quando Chico Buarque escreveu a letra de 'Construção', sabia que falava de uma ferida aberta na sociedade, do indivíduo que existe enquanto tem uma função utilitária, ou seja, de uma existência servilizada às necessidades do sistema. Se sua morte não era dignificada, que pelo menos não atrapalhasse,

porque na contra-mão ela seria, inevitavelmente. Os excluídos do sistema estão atrapalhando, são um estorvo, representam o oposto da boa-morte que todos desejamos ter, aquilo que a sociedade de consumo apregoa como o desejado pelo cidadão classe média que vê em seus símbolos o retrato de sucesso. Morrer na contra-mão simboliza fracasso.

### A morte moderna

- A boa morte é boa para quem?

Temos atualmente recursos muito importantes da Ciência para oferecer qualidade de vida à pessoa que está próxima da morte. Realmente avanços consideráveis foram feitos, muito embora não exista uma distribuição justa dos mesmos. A filosofia que permeou o avanço da técnica é a da obtenção de situação de controle sobre as dificuldades, trazendo consigo novas questões a serem discutidas no campo da Bio-Ética. Considerando o aspecto da subjetividade presente em qualquer avaliação de qualidade de vida, fica clara a importância de desenvolver nos profissionais que atuam em áreas afins, além de conhecimento e habilidades, uma sensibilidade especial, aliada a uma constante discussão sobre esse posicionamento filosófico. Responder a pergunta sobre quem se beneficia de uma boa morte é abranger também as instituições sociais, que precisam estar equilibradas em sua responsabilidade diante dos cidadãos, não somente de quem morre e de quem é próximo desse cidadão. Uma boa morte tem que ser boa para a história daquele indivíduo e de sua cultura.

- Morrer é um assunto particular, mas nem tanto.

Quero dizer com esta afirmação que se morrer é um ato solitário, não é, porém, um ato isolado. Volto à idéia dos sinos que doam por todos, acrescentando a proposta para que pensemos em como a sociedade e a cultura precisam se organizar após a morte de um de seus membros, seja ele um poderoso ou sábio, ou um humilde anônimo. É interessante pensar como

tempos e lugares, ou seja, distintas realidades valorizam o que é viver bem e o que é morrer bem. Daí, dizer que morrer não é um assunto exclusivamente particular de quem morre. Aquele que é o morto não institucionalizado deveria saber disso, porque há também para ele esse lugar.

- Morre-se por outras causas? Ou ainda é de susto, bala ou vício, como disse Caetano Velosos, nos tempos difíceis da repressão no Brasil ?

Arrisco responder dizendo que morre-se de 'modernidade'. Esta estranha *causa mortis* pode não ser tão estranha assim, se considerarmos que estilo de vida está estreitamente associado a certas doenças, o que levou a uma mudança naquelas que acometem o ser humano, atualmente. Junto de estilo de vida, consideremos também as circunstâncias em que a pessoa vive, sobre as quais não tem escolha, ou tem escolha restrita, para estabelecer relações de causa e efeito, mesmo que simplistas. Alguém que não tenha uma boa alimentação, condições para viver em equilíbrio, que não tenha uma relação de pertencimento social que dê significado a algumas crenças e valores, que não disponha de uma adequada rede de apoio psico-social para seu crescimento, estará em uma maior condição de risco de viver mal e morrer mal também: ser excluído na vida e na morte.

### Morte violenta

- É chocante, assustadora, porém pode-se falar nela, desde que aconteça com os outros.

O fantasma da morte violenta é associado à noção de castigo por uma vida fora dos padrões aceitos de acordo com a moral vigente. Essa é a tradição, pois associa-se a chamada boa morte como a recompensa por uma boa vida, aquela que foi considerada virtuosa, que foi regida pelas expectativas mais nobres do contexto. No entanto, a morte violenta tem mostrado, na verdade, uma reversão de expectativa muito mais próxima da perda de controle, levando-nos a questionar o que nos leva a viver nesse contexto de violência que nos deixa tão impotentes, tão 'desorganizados' diante do chamado 'crime organizado', mais organizado do que as instâncias que deveriam ter os recursos e poderes para nos proteger e defender. Bem, talvez nem devesse enveredar por aqui!

- O morto anônimo tem uma história que eu desconheço, mas não posso negar.

Aquele morto anônimo, que aparece coberto por algumas folhas de jornal, que vejo mais uma vez quando abro o jornal em casa ou passo rapidamente pela banca de jornais a caminho do trabalho, tem uma história da qual faço parte, mesmo sem saber. Ele é um brasileiro como eu, que soneguei ou paguei imposto, escolhi bem ou mal os governantes, cobre ou não deles as promessas de campanha, enfim, se entendi bem o que é ser cidadão, se venci a preguiça que dá tantas vezes quando tenho que vencer a burocracia ou a má-

vontade de alguém que tem que me dar uma resposta ou apenas fazer sua função. Goste ou não, eu tenho a ver, sim, com aquele corpo que está sob aquelas folhas de jornal. Logo de manhã tenho que engolir essa verdade.

- Quando faço um julgamento sobre a morte sem dono, estou em busca de um significado para ela.

Quando digo que aquela pessoa viveu perigosamente, ou marginalmente ou até mesmo previsivelmente beirando uma situação de morte violenta, já aponte por onde anda minha busca de significado para aquela morte. Dentro das minhas crenças, explico aquela morte, preferencialmente a partir de uma posição muito diferente da minha. Ou até deixo espaço para minha perplexidade. Não explico todas as mortes.

- Percepção de risco ou Nós somos os outros dos outros.

Quais são meus pontos de convergência com aquele que tem uma morte não institucionalizada? Posso ser confundido com ele, de alguma maneira? Talvez eu precise mesmo me distanciar dele, para eu continuar pensando que, como seu eu continuasse a ser um eterno Peter Pan, eu nunca vou crescer mesmo, e nada de ruim irá me acontecer, posso beber e dirigir, posso fazer sexo inseguro, posso tanta coisa, tenho corpo fechado, sabia, mano?

### Morte em massa

- Existe ética nessa morte?

Já se discutiu *ad nauseum* a ética muçulmana contraposta à ética protestante, no caso dos embates entre Osama Bin Laden e o governo americano. Filósofos, religiosos, estrategistas, diplomatas, juristas, um número sem fim de pessoas que supostamente tinham o que dizer sobre essa questão tem se manifestado diariamente desde os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 e vão continuar a fazer isso, na confiança imbatível de que continuarão a ter o que dizer. Nada é conclusivo e nada pode assim ser, em se tratando deste assunto. O mais triste é a conclusão que permeia muitas das falas desses experts: a ética depende de que lado você está. Triste, porém verdadeira.

Quero concluir dizendo que reuni aqui algumas reflexões minhas sobre temas que estão em minha mente com frequência quase que diária e nem poderia ser diferente. Trabalho com pessoas que morrem, trabalho com pessoas que sofrem por saudade pelas pessoas queridas que morreram e tantam dar um significado a essa dor. Trabalho com minha perplexidade diária diante do que o ser humano vêm fazendo à casa em que mora, como se fosse mudar dela para algum lugar distante e nela não fosse deixar herdeiros. Ou seja: nada do que disse aqui é conclusivo e nem tinha essa pretensão. Gostaria mesmo que pudesse ter a forma de um diálogo e, por esse motivo, gostaria que o leitor se sinta à vontade para entrar em contato conosco e continuar esse diálogo.

---

<sup>i</sup> Maria Helena Pereira Franco, Psicóloga, bromberg@pucsp.br